



Ana e o amor: leitura fenomenológico-existencial de Clarice Lispector

Ana and love: existential-phenomenological reading by Clarice Lispector

Jéssica Magaly da Silva Ferreira

Vinicius Milhomem Brasil

Resumo: A fronteira entre a psicologia e a literatura é muito tênue. Ambas visam compreender como o ser humano se comporta no mundo e buscam conhecer melhor suas experiências e vivências. De um lado, temos uma ciência mais aprofundada que almeja entender os processos mentais, comportamentais e sócio interacionistas do ser humano. Do outro, temos a “arte das palavras”, definida por Aristóteles como *mimese*, ou seja, a arte que imita pela palavra. Logo, através da literatura podemos ver como uma determinada sociedade se comporta perante a determinado acontecimento e observar aspectos históricos com um grau maior de local de fala. A partir disso, este trabalho visa analisar a percepção da personagem Ana no conto *Amor* de Clarice Lispector. Especificamente buscando compreender sua visão de tempo, espaço, mundo e principalmente a de ser. Para tanto, estabeleceu-se, por meio da fenomenologia de Martin Heidegger, um retorno a diálogos filosóficos como o de Jean-Paul Sartre, a fim de buscar o sentido de ser e como a heroína do conto se vê diante disso. Conclui-se que o cotidiano é permeado por percepções que acrisolam e por situações que possibilitam reflexão sobre o existir e sua pluridimensionalidade.

Palavras-Chaves: Percepção; Existencialismo; Fenomenologia; Clarice Lispector

Abstract

The boundary between psychology and literature is very thin. Both aim to understand how human beings behave in the world and seek to better understand their experiences and experiences. On the one hand, we have a deeper science that aims to understand the mental, behavioral and social interactionist processes of the human being. On the other hand, we have the “art of words”, defined by Aristotle as *mimesis*, that is, the art that imitates through the word. Therefore, through the literature we can see how a certain society behaves towards a certain event and observe historical aspects with a greater degree of place of speech. From this, this work aims to analyze the perception of the character Ana in Clarice Lispector's short story *Amor*. Specifically seeking to understand your vision of time, space, world and especially being. Therefore, through Martin Heidegger's phenomenology, a return to philosophical dialogues such as Jean-Paul Sartre was established, in order to seek the meaning of being and how the story's heroine sees herself in this regard. It is concluded that everyday life is permeated by perceptions that crunch and situations that allow reflection on existing and its multidimensionality.

Keywords: Perception; Existentialism; Phenomenology; Clarice Lispector



Introdução

O filósofo pré-socrático Heráclito ficou reconhecido por estabelecer e perceber o mundo como um processo contínuo, sempre em movimento, desse modo “*não se banha duas vezes no mesmo rio*”, e a partir dele, muitos outros pararam para refletir sobre a partir de que modo pode-se perceber no mundo. E de que forma podemos nos entender como ser no mundo, para isso, necessitamos sempre do outro. Daí temos conceitos muito importantes para a Antropologia como o de *Alteridade*, visto que todo ser humano interdepende e interage do outro. Para entendermos como “eu-indivíduo” tem-se sempre base no outro, pois para funções básicas como andar, falar, comer, tudo isso aprendemos com o outro.

A literatura nacional e mundial, tem propiciado um mergulho imensurável no existir humano. Personagens foram criados no sentido de compreendermos a dimensão da existência humana e tudo o que aí se faz presente. O caminho cotidiano traçado pelos mais divers autores tem como ponto fundamental o homem e sua humanidade, o existir e sua existencialidade, o temporalizar e o especializar, o possibilitar e o escolher. Em nosso país, temos uma escritora que reconhecidamente buscou o entendimento do humano de uma forma magnífica.

Clarice Lispector é conhecida por sua leitura causadora de sinestésias no leitor, fazendo com que o mesmo se questione sobre o ser. Sendo até muito intimista. Suas personagens (predominantemente mulheres) são profundas e bem trabalhadas nos conflitos internos psicologicamente. Dessa forma, o conto Amor e sua personagem Ana são os parâmetros na busca da compreensão do Ser e o ser-si-mesmo. Para explicar melhor essa percepção das personagens recorreremos a Martin Heidegger e Jean Paul Sartre no que diz respeito a questões do próprio ser.

Da percepção literária-psicológica

Para este trabalho, optou-se por trabalhar a percepção a partir do existencialismo e da Fenomenologia. Pois estas correntes têm como intuito analisar a existência humana



e assim compreender o sentido da vida através da liberdade e do ser-si-mesmo-no-mundo, elementos essenciais para a personagem Ana.

Vale ressaltar que a percepção em Clarice Lispector se dá a partir dos chamados “momentos epifânicos”. Este termo - epifania – é originário da exegese religiosa e significa revelação e se dá a partir de fatos banais do cotidiano. Dessa forma, algumas vivências cotidianas estão presentes nesse processo: um olhar, um mascar, uma brisa, um beijo, dente outros.

Tudo isso se dá em momento específico do cotidiano da personagem, e a partir desse *desvelar*, Ana começa a ver o mundo de uma maneira mais crítica e autorreflexiva. E todo esse movimento ocorre a partir de uma experiência rotineira, que se mostra pluridimensional, indo além do pensar e do agir por simplesmente agir. Em virtude a esse entendimento, recorreremos a metodologia fenomenológica para compreender o existir dessa personagem criada por Clarice Lispector, uma vez que, a Fenomenologia-Existencial pressupõe mergulhar com esse outro, no caso deste estudo a personagem Ana e a forma muito própria que tem de si mesma e a percepção, originária de um determinado momento em sua vida, sobre a vida, sobre o mundo, sobre o ser-si-mesmo.

Existencialismo

Inicialmente temos o conceito fundamental de Sartre “A existência precede a essência”, conceito esse que contrapõe o de Aristóteles. O homem precisa existir primeiro e a partir daí ele vai construindo sua essência, ou personalidade. A essência determina o ser o mostra sua finalidade. Logo, quando há a possibilidade do autoconhecimento de si e conhece a essência, deve-se traçar caminhos para a sua finalidade.

Para Sartre, o homem não é nada, pois gozando de sua liberdade vai construindo suas escolhas e formando sua essência. E devido a ter muita liberdade, possui a grande responsabilidade de construir-se sem responsabilizar alguém por isso. Partindo desse pressuposto temos o conceito de angústia. Dessa forma, “a Angústia seria a captação da inexistência de uma determinação absoluta para o homem, ou seja, seria o homem designado como sendo liberdade” (HOSTE, 2016, p. 3). Assim, por desfrutar tanto de



uma liberdade que o ser se angustia. Ele tem culpa de tal sentimento. Segundo Sartre “E essa angústia *sou eu*, porque, só pelo fato de me conduzir à existência como consciência de ser, faço-me como *não sendo mais* esse passado de boas decisões *que sou*” (SARTRE, 2009, p. 77). Ao mesmo passo que o homem é angústia, ele é liberdade e a partir daí que se tem consciência.

Gadelha (2017) amparada neste autor, ressalta que por nossa realidade ser ôntico-ontológica, podemos chegar até o Ser. O Ser não é o aparecimento de um fenômeno, ele *é*. Não é necessário justificar o aparecimento dele, ele simplesmente está aí. “Ele é a condição de todo desvelar: é ser para desvelar, e não ser desvelado” (p.19). Portanto, o Ser é transfenomenal, ou seja, não fica por trás de um fenômeno, não é reduzido arecai este.

Considerada condição precípua no que concerne ao escolher, a liberdade em Sartre, é a condição que possibilita o homem fazer-se. Torna-se, dessa forma, o elemento que permite a construção do devir. Provavelmente, dado a esse movimento, é que o filósofo compreende que existe resistência para que possamos nos tornar livres. Contudo, a liberdade precisa de algo que se oponha a ela, ou seja, precisa do mundo, uma vez que, como nos traz em seu pensar, apenas somos livres em virtude de a ação estar separada de cada um de nós pela realidade mundana.

Assim, somos responsáveis por nosso existir e pelo que nos rodeia. Eis o que representa a angústia propriamente dita. Somos consciência e esta, pauta-se na intencionalidade. Afinal, não existe um mundo sem consciência e nem consciência sem mundo. Por isso, para Sartre, estamos sempre projetando para um mundo que se nos apresenta, mantendo-nos em relação contínua com ele.

A compreensão de cada um enquanto ser-para-si, nos lança à procura pelo sentido da vida, pelo sentido das coisas, uma vez que, somos um ser que questiona, indaga, se impressiona com o que está a nossa volta e designamos como realidade, com a nossa própria subjetividade. O ser-para-si vive em contínua insatisfação, busca ultrapassagem constante de suas fronteiras. Ele se constrói. Consequentemente, três elementos são fundamentais no que diz respeito a liberdade: atividade, indeterminação e incompletude.



Diante disso, a liberdade é pelo que pautamos nossa existência. E a liberdade é que propicia angústia ao homem, uma vez que, ao sabermos que somos ser de infinitas possibilidades e que as responsabilidades por nossas escolhas são nossas, de quem as pratica, somos assim, condenados a ser livres.

E, neste sentido, vem o primeiro questionamento: como é para Ana ser livre? Em que momento isso se dá? De quais parâmetros existenciais estamos falando acerca dessa vivência? Entretanto, antes de respondermos a essa pergunta, precisamos fazer imersão na teoria do filósofo da Floresta Negra, Martin Heidegger que, a seu turno, propiciará que analisemos mais profundamente a personagem em questão.

Fenomenologia

O ser para Martin Heidegger tem uma natureza própria, é essência e não se explica. Caso ocorra uma explicação o ser vira Ente. Um dos seus conceitos mais trabalhados na filosofia é o *Dasein* que significa *Ser-aí*, o ser lançado no mundo. A partir do momento que somos coisificados nos tornamos ser-comum, coletivo e massificado. Dentro dessa perspectiva do distanciamento do ser sendo entificado. Um determinado ser possui pré-disposição para realizar x coisas, mas por pressão familiar ele decide minimizar seus talentos e decide fazer y. Suprimindo assim seus reais potenciais para se entificar e fazer parte de um determinado contexto histórico social (y), de um coletivo, distanciando-se assim do ser. Conseqüentemente, vivendo uma vida inautêntica e angustiada.

Heidegger parte do pressuposto que a existência - modo de ser do *Dasein* - é um poder-ser, o que implica em projeto e transcendência. A realidade do ser-aí, *Dasein*, se dispõe em dois planos: ôntico e ontológico. O primeiro entende-se pela queda do homem ao nível das coisas do mundo. Compreende o chamado plano existenciário, ou seja, o que pode ser conhecido de imediato. Já o segundo - ontológico - compreende o plano chamado existencial, que remete às estruturas que compõem o ser do homem a partir da existência em seus desdobramentos advindos da pré-sença (*Dasein*) (Gonçalves Jr, 2005, p. 35-36)



Castro (2017) revela que o filósofo considera o homem, esse *Dasein*, enquanto um ser de possibilidades. Como isso seria possível? Pelo fato de que somos jogados em um mundo que não escolhemos, contudo, mesmo lançados, o olhar que direcionamos ao mundo toma uma característica muito própria, o nosso próprio visar a vida, a nós mesmos, ao outro que é meu semelhante e também na mesma condição que nós, a de atribuirmos significado e sentido às experiências cotidianas, o que permite possamos ir além do que está aí, dado. Somos possibilidade, somos ser-no-mundo.

Ao ser-no-mundo é dada a chance de, ao conviver com o outro, seguir adiante em busca de ser-si-mesmo. Para Heidegger (2013) ser-no-mundo é ser-com-o-outro, ou seja, o nosso caminhar, peremptoriamente, se dá com esse outro originário das relações que estabelecemos e já vem estabelecidas desde antes de nosso nascimento.

Castro (2009; 2017; 2019) revela que um dos conceitos elaborados pelo filósofo diz respeito a que, em nosso cotidiano, ao relacionarmos-nos conosco mesmos, com o outro e com o mundo, podemos agir sob a especificidade de ser autênticos, ou seja, diante das situações presentes na cotidianidade mediana, nossa atitude é de enfrentamento, de seguir adiante, em abertura para com aquele momento que estamos experienciando; ou agimos de modo inautêntico, quando nos fechamos para o que está acontecendo, nossa atitude é de tentarmos nos afastar cada vez mais da situação e assim, na concepção heideggeriana, adentramos por uma espécie de fechamento em nosso existir.

Heidegger (2011;2013) considera outro aspecto relacionado ao *Dasein*, é a angústia que está sempre presente em nosso caminhar. Para o filósofo, em sendo lançados no mundo, nesse *estar-aí* concreto, gera inquietação, uma vez que somos concretos, singulares e inacabados, instáveis e como revela Castro (2019, p. 26) temos consciência de que podemos ser sempre mais, que somos potência, aristotelicamente falando, um ser [...] que não se basta a si mesmo. Não é ato. É projeto, possibilidade, salto no abismo. Enquanto que as coisas singulares pertencem ao mundo uma vez que se inserem em uma rede de correspondências, de significações (cada coisa é remetida para outras, como efeito, como sinal, como instrumento, etc.), o mundo como tal, no seu conjunto, não tem correspondências, é insignificante; a angústia registra essa insignificância, a



gratuidade total do fato de o mundo existir. A experiência da angústia, é uma experiência de ‘desenraizamento’.

Ora, considerando o exposto, ser-no-mundo é pertencer ao mundo, sem, contudo, reconhecer-se pertencendo. Como ressalta Castro (2019, p. 26), amparado em Heidegger (2013) “é não se sentir em casa. Na angústia se está estranho”. Por esse motivo, o autor considera que essa é a *pré-sença* (o ser humano) na angústia, ‘a tempestade do ser’ (Castro, 2019).

Outro conceito é compreendido como a característica maior do *Dasein*: ser-no-mundo é ser de *Cuidado*. O que seria esse termo? O que seria esse *Cuidar*? Cabe, neste momento, a digressão sobre a temática que consideramos de extrema importância para o que nos propusemos, analisar a vivência de Ana.

O Cuidado está relacionado a meu modo de ser comigo mesmo, com o mundo, com a vida, com as pessoas. Cabe a cada um zelar não apenas por nós próprios, mas pelo outro. Assim, o cuidado é uma forma de habitar o mundo, preservando, zelando, velando. Entretanto, esse cuidado pode ser manifesto sob dois aspectos, autenticamente quando você possibilita o crescimento desse outro, sem tomar para si a responsabilidade pelo agir dele; inautenticamente, quando você salta ‘salta sobre o outro’, ou seja, você toma para você a responsabilidade por trazer para você a responsabilidade das escolhas que deveriam ser dessa pessoa (Castro, 2017, 2019, 2020; Maia;Castro, 2020).

Do Amor

No conto *amor* temos a história de Ana que vai até o centro fazer compras e ao voltar para casa se dá conta de sua existência para além do que é acostumada e vive devaneios até voltar para casa. A partir do nome da heroína já temos em si um anagrama. Pois de trás para frente o nome não muda. Sempre continuará o mesmo. E caminhando assim por um tempo psicológico e narrado em terceira pessoa conhecemos detalhes da vida pessoal da protagonista enquanto ela está no bonde a caminho de casa.

Ana é casada e possui dois filhos. Ela é uma dona-de-casa muito satisfeita com tudo o que tinha, principalmente com a cozinha, por mais que que o fogão desse alguns estalos. Basicamente vivia em prol dos outros, assim, não conhecemos muito detalhes



sobre ela. Então o narrador nos aponta um dado importante: “Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela” (Lispector, 2016, p. 145). O primeiro questionamento é, por que essa hora da tarde é a mais perigosa? Logo, vemos que é a hora do ócio de Ana. É o momento que ela pode ser quem quiser sem julgamento nenhum. É principalmente a hora em que ela se percebe como ser no mundo, como existente.

Assim, temos justamente o momento de liberdade de Ana. Ela pode ser quem quiser. Ela pode recuperar sua essência nesse momento. Pois vemos que ela vivia em prol dos outros, vulgo a sua família. E nessa hora perigosa ela se sentia angustiada por justamente ninguém precisar mais dela. Ela se sentia muito insegura e precisava a todo momento de provas para fincar raízes “sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas” (Lispector, 2016, p 146). Devido a isso perdera sua essência e juntamente esgotou sua felicidade devido a cotidianidade do ciclo: casa-marido-filhos. Ana chega a necessitar tanto de algo a fazer que para ela a casa faz a função de se manter suja somente para ela ter o que fazer.

No bonde voltando para casa ela se depara com um cego mascando chiclete. Seu movimento mecânico a incomoda. Não só isso, Ana se percebe em um momento de epifania como ser no mundo através de um olhar que ela lançou sobre o outro. Ela vê como as pessoas ignoravam o cego enquanto viviam suas vidas em verdadeiros casulos, assim tem noção de seus privilégios. Vale ressaltar que o cego estava numa parte escura do bonde, logo, podemos ter uma possível projeção de Ana no cego, ela se conecta a ponto de se imaginar numa escuridão, cega em seu próprio mundo.

Então começa a reflexão de quem é a Ana sem ser a mãe e dona de casa? Não seria Ana uma cega? Fadada a movimentos mecânicos e sem perceber que o mundo quem estabelece é si mesma. Ana vive uma angústia opcional, visto que ela decide não escolher viver só, ela exerce a sua liberdade de escolha, por mais que isso cause uma angústia em si. Durante a freada do bonde os ovos que estavam em sua bolsa de pano se quebram. Temos assim, segundo Chavelier (2015, p. 572) “o germe que se desenvolverá a



manifestação”. O ovo pode simbolizar justamente essa fragilidade que é a vida humana e o momento de ruptura da personalidade de Ana.

Depois do choque do bonde, Ana desce na parada errada e segue em caminho ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Lá ela vive um conjunto de sinestésias e seus sentidos ficam muito aguçados. Sua percepção sobre o mundo ao seu redor começa a fazer mais sentido. Mas sempre há um chamado que volte ao conforto do lar. Naquele momento, percebemos relutância por parte de Ana. Ela pensa em desistir de tudo e viver a sua liberdade reprimida. “E por um instante a vida sadia que levava até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver” (Lispector, 2016, p.152). Assim, podemos conceber o conceito de inautenticidade estabelecido por Heidegger, no qual Ana se privou de Ser para ser entificada. E é justamente nessa hora que ela se dá conta disso e é tomada por uma angústia profunda.

Ao final temos um convite de volta a realidade. O marido lhe estende a mão para voltar ao quarto e finalizar o dia dormindo juntos. Ele a conforta e entifica-a cada vez mais. Fazendo assim, com que ela não se perceba como ser. Os únicos momentos em que pode fazer isso é justamente nas “horas perigosas”, ou seja, o existir de Ana intercalam momentos autênticos e momentos inautênticos, com primazia destes últimos.

Compreendendo a vivência de Ana sob o viés da Fenomenologia

Como analisar a vida de Ana? Aliás, quem em realidade é Ana? Seremos ousados a partir deste momento. Ousadia no sentido de afirmar: “Ana somos cada um de nós!”. Somos como diz Sartre a busca contínua do ser-em-si e do ser-para-si, uma vez que, a cada situação em nossas vidas cotidianas é repleta por escolhas, por percepção desse nicho existencial que experienciamos, desse nicho cultural no qual estamos imersos. Nossa vida é, dessa feita, a busca pelo entendimento da liberdade que possuímos enquanto ser-no-mundo, enquanto aqueles que buscamos compreender o sentido que atribuímos ao próprio viver, ao existir.

Ana, assim como cada um de nós, é Dasein, esse Ser-aí que não poucas vezes se permitiu levar “pelo que é o melhor para todos”; quantas vezes em nossa historicidade apenas nos deixamos levar pelos afazeres que nos diluem a existência e, muitas vezes,



nos recusamos, sim nos recusamos, a perceber a dimensão do vivido. Agimos, como nos diz Heidegger (2013) de modo extemporâneo, caricato, inautenticamente, uma vez que, não raras vezes, nos julgamos “donos do viver” quando, em realidade, apenas experienciamos um “arremedo de vida”. O que fazia Ana? Se deixava levar pelas normatizações, regulamentos e regimentos dos contextos culturais e sociais em que estava imersa, afinal, “tinha responsabilidade como mulher, mãe, dona de casa”.

Entretanto, a “hora perigosa” também é inerente ao nosso viver, tal como se dava com Ana. Refletimos sobre o que está ao nosso redor, refletimos sobre nosso mundo circundante, sobre o mundo humano, sobre o mundo próprio. Então, a personagem passa a perceber o existir pluridimensional que vai além do que está aí, posto para ser seguido, levando ao conformismo e a passividade diante da vida, do outro, dela mesma. O que isso representa em nossas vidas? O que isso significa para os “vários personagens” que criamos em nosso cotidiano relacional? Vejamos o que a teoria heideggeriana poderá nos esclarecer.

Estamos imersos em um mundo pleno em normas, regimentos e leis. O olhar que lançamos sobre eles, nos faz caminhar em conformidade com o que é considerado “racional” e “respeitoso”. Contudo, muitas vezes somos lançados em circunstâncias tais que em busca de correspondermos ao que nos foi solicitado e o modo como compreendemos essa solicitação, nos faz olvidar de nós próprios e com isso, agimos como Ana, em detrimento ao ser-si-mesmo. Hesitamos diante da vida e diante de nós, nos “sentimos obrigados” pelos aspectos circundantes e imergimos no que Heidegger considera como a *impessoalidade*, a *ruína*, a *decadência*. E isto significa dizer que ao esquecermos de nós próprios, vivendo em função do que é prescrito pelo outro ou o que compreendo como prescrito pelo outro, o Ser-Aí que sou não se possibilita, não se percebe um ser-de-possibilidades, apenas re-age, fecha-se em si mesmo e em seu conjecturar. E a hora perigosa?

O filósofo da Floresta Negra revela que não somos apenas fechamento, somos abertura; não somos apenas inautênticos, somos autenticidade; não somos apenas tergiversações, somos possibilidade, somos seres de escolha. Assim sendo, mesmo diante



de situações que nos capturam de modo infreme, e que muitas vezes vivenciamos à conta de “sermos mais um”, como Ana em seu cotidiano sem cor, algo nos ocorre de súbito e mergulhamos na reflexão que resulta em nos possibilitarmos redimensionar nosso olhar sobre o que está a volta, sobre a vida, nossos relacionamentos, nossa vida. É, no dizer desse filósofo, o *Dasein* em atribuição do sentido que o faz perceber a grandiosidade de seu viver, do seu existir. Nos damos a chance de perceber nossas escolhas, nosso caminhar, nossa existência, nosso ser-no-mundo sendo.

Existe um momento no conto que caracteriza de forma magnífica o olhar que Ana lança sobre si mesma: “também sem felicidade se vive”; “a sua vida adulta”; “o seu destino de mulher”; “assim ela o quisera e escolhera”. Mostra a dimensão do existir em função do que é dito. Entretanto, toda essa percepção de si mesma cai por terra. E assim como Ana, o cego mastigando chiclete, quase escondido de tudo e de todos para que não o vejam, reflete na personagem de tal forma que o autoquestionamento e o questionar a vida em si mesma, ocorre. Somos, como ela, chamados a pensar sobre o que estamos fazendo de nossas vidas, do que e de quem nos escondemos no intuito de autoproteção. Entretanto, o incomodo ocorre. A angústia por nós mesmos e por quem somos, ocorre. Este, o perigo da “hora perigosa”.

Passamos, então, a experienciar um certo estranhamento. A vida e a forma como a constituo se torna estranha. E no incômodo de minha vivência percebo que o existir é singular e ao mesmo tempo plural; é simples e ao mesmo tempo complexo; é unidimensional e ao mesmo tempo pluridimensional. E o *Dasein* se compreende além de produto, produtor; além de construído, construtor. É o estranhar que nos catapulta a novas concepções acerca de nós próprios e de nosso viver. O que Heidegger (2013) brilhantemente compreende quando ressalta que *Dasein* é um salto no abismo. Um abismo que somos nós próprios e o nosso cuidar de ser. O que percebemos em Ana ao permitir perder-se e passear pelo Jardim Botânico, momento em que seu olhar sobre a vida atinge proporção até aquele instante, inimaginável.

Contraponto. Ana em todo o mergulho que a experiência propiciou apresenta outra característica marcante. Ela cuida. A teoria heideggeriana considera o ser-no-mundo



como um ser-de-Cuidado. A personagem, apesar de todo o entorpecimento – para o qual retorna, inclusive – ama sua família e seu olhar cuidador é expresso quando toma um de seus filhos no colo e diz: ‘não deixe mamãe esquecer-lhe’. Com isso, Ana, não aceita o chamado do cego, percebe-se perdida e que o amor designado a seu esposo e filhos é maior. Refugia-se em “seu mundo”, em “sua vida”. Percebeu-se como um ser de escolhas e ela o faz, mantendo-se por amor junto aos seus. E a vida certamente dará continuidade, com os momentos em que, como Ana, somos levados pelas circunstâncias e por outro, movido pelo perigo da “hora perigosa”.

Considerações Finais

Às vezes, é necessária uma fredda brusca para quebrar ovos e enxergar as belezas do jardim da vida. Dessa forma a percepção de si com o mundo pode mudar. Os momentos de epifania servem para nos enxergarmos como seres no mundo e praticar a noção de alteridade enquanto exercício diário. Por mais angustiante que seja a busca pela essência, por maiores que sejam nossos questionamentos, é premente que redimensionemos nosso olhar sobre nós mesmos, a vida, o mundo.

A percepção existencialista-fenomenológica nos fornece subsídios para que nos experimentemos como ser no mundo, tudo advém através de experiências. São momentos como esse que precisamos respirar e sair do automático, refletir nossa existência como ser-no-mundo.

Referências

- Castro, E. H. B. de. (2009) **A experiência do diagnóstico: significados do discurso de pais de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger**. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 182p.
- Castro, E.H.B. de (2017) A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, Ewerton Helder Bentes de (Org.) **Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa** – 1 ed. – Editora Appris.



- Castro, E.H.B. de (2020) A clínica psicológica e a pesquisa em seus em-contros, des-encontros e re-encontros: des-velando olhares In: Castro, E. H. B. de (Org.) **Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica.** – 1ª ed. – Editora Appris, p. 157-176.
- Chavelier, J. (2015) **Dicionário de Símbolos:** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 27. Ed. – Editora José Olympio.
- Descartes, R. (2016) **Meditações Metafísicas.** Edipro, 2016.
- Gonçalves Jr, A. F. (2005) **A noção de inautenticidade em Heidegger e Sartre.** Reflexão, Campinas, 30(87), p. 31-41, jan./jun.
- Heidegger, M. (2012) **Ontologia:** hermenêutica da facticidade. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2013) **Ser e tempo.** Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback – 8ª ed. – Vozes; Editora Universitária São Francisco
- Hoste, V. X. (2016) **A constituição da angústia em Sartre:** do patológico ao ontológico. Sofia. Vitória, ES. vol. 5, n. 2, Ago. - Dez.
- Lispector, C. (2016) **Todos os contos.** Org. Benjamin Monser. 1. Ed. Rocco.
- Maia, M. de L. S. & Castro, E. H. B. de (2020) Eu e minha mãe, minha mãe e eu: entre dor, amor e busca de compreensão In: Castro, E. H. B. de (Org.) **Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica.** – 1ª ed. – Editora Appris, p. 17-26.
- Sartre, J. P. **O ser e o nada:** ensaio de ontologia fenomenológica. 17. ed. - Vozes
- Soares, E. S. & Castro, E. H. B. de (2020) De cada dificuldade, minha trajetória como discente-empresária-mãe-filha me revelou o mundo: o olhar sobre a díade trabalho-academia In: Castro, E. H. B. de (Org.) **Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica.** – 1ª ed. – Editora Appris, p. 63-82.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES



UFAM

e-ISSN 2675-410X

Recebido: 28/09/2021 Aceito: 30/10/2021

Autores

Jéssica Magaly da Silva Ferreira

Especialista em Psicologia Clínica de base fenomenológica Instituto Vision/Manaus. Psicóloga formada pela FAPSI/UFAM. E-mail: magalyferreira96@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4939-8497>

Vinicius Milhomem Brasil

Mestrando do PPGL/UFAM. Graduado em Letras/UFAM. Discente do Curso de Psicologia FAPSI/UFAM. E-mail: brasilmilhomen@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1528-3694>